

*Roberto*  
ROBERTO  
ABUCHO





# SUMÁRIO

NATAL DE DEUS  
AUTOZINHO DO NATAL  
DIA DA MÃE  
À SOMBRA DOS CAMPANÁRIOS  
O PRESÉPIO NA ARTE PORTUGUESA  
NATAL PORTUGUÊS  
TRÊS ASPECTOS DO NATAL  
VIA LÁCTEA — CAMINHO DE JESUA GORA  
O NATAL  
PÁGINA DAS LUSITAS  
ROMANCE DO PASSADO  
TRABALHOS DE MÃOS  
O LAR  
EIS QUE ANUNCIO UMA GRANDE ALEGRIA  
COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

NA CAPA:— Presépio do Mosteiro de S. Vicente.  
Barro polícromo.— Oficina de Machado de  
Castro—Séc. XVIII—Museu Janelas Verdes

N.º 8

*Obra das Mães pela Educação Nacional*  
"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

Direcção, Administração e Propriedade do Commissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. Redacção e Administração: Commissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 5. — Telefone 4 6134. — Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd., Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.ºs 4 a 10 — Lisboa

ASSINATURA AO ANO: 12\$00

PREÇO AVULSO: 1\$00

BOLETIM  
MENSAL

LISBOA

*Dezembro-1939*



# NATAL DE DEUS



À lestes certamente, ao menos algumas de vós, no "*De Senectute*" de Cicero, esta palavra:—

**"Não foi em vão que eu nasci"!**... — palavra que o autor pôe na boca de um dos seus personagens, ao cabo da vida.

Quero crer que tenha havido muitos homens que possam ter dito ao morrer dos anos esta mesma palavra; e sem vaidade, até com simplicidade.

Até quero crêr noutra coisa: que todas vós já uma vez jurastes a vós mesmas não queredes chegar ao fim de vossos dias sem poderdes repetir, humildemente, simplesmente:

**"Não foi em vão que eu nasci"!**... Bom sinal de que a vossa vida terá sido uma vida plena, uma vida cheia—uma vida total. Sinal de que ao longo do caminho tereis deixado atrás de vós boas obras, obras de virtude e de que, feitas as contas, podereis divisar lá no arrepio da existência bons exemplos, boas acções—deixai-me dizer, uma espécie de *melhorias* para o mundo.

Mas, em boa verdade, só um Homem houve, que em tôda a justiça a poudes gritar para a História: **JESUS CRISTO.**

A Cruz que está erguida no Calvário há vinte séculos á espera da primeira derrota—ainda hoje a diz para Esperança de todas as almas.

## **NÃO FOI EM VÃO QUE JESUS NASCEU.**

A História aí está. Olhos desempoeirados e corações lavados não podem lá descobrir outra coisa, senão os resultados benéficos desta *Vinda* de Cristo ao mundo.

O que aí anda de civilização e cultura e amor e bondade nasceu com Jesus em Belém na noite linda daquele *Natal* sem par.

Eis o **Mistério de Cristo**—o doce **mistério de Natal**:—Cristo entrado no mundo para o erguer e para o salvar.

Põe-te agora sósinha, manda calar tudo dentro de ti e á tua volta, e interroga-te: *Foi em vão que Cristo nasceu para mim?*...

Olha esta palavra de um grande romancista, morto há pouco, Paulo Bourget:

**"O mundo morre de não vêr a Deus".**

Vê lá se é este o teu caso:—se **o** não vês... se não sabes nada a respeito d'**ELE**... ou se Deus passa na tua vida sem influência—quero dizer: se o Natal de Cristo não tem para ti outro significado que não seja esta rememoração fria, sem alma interior, dos cristãos-pagãos ou dos pagãos-cristãos do nosso tempo...

Porque o Natal é isto, e só isto: Cristo revelado ao mundo, Cristo posto á vista dos homens, e, *n'Ele*, **Deus!**

O Natal dá-nos a melhor revelação de Deus: *Cristo.*

E daí que Jesus acode pelo nome de Emmanuel, isto é—**Deus connôco.**

Que este ano Jesus não nasça em vão para ti... *Natal de Luz e de Graça...* *Natal de Paz e de Verdade...*

*Natal de Bondade e de Pureza...*

**Natal de Cristo!...**  
**NATAL DE DEUS!...**

G. A.







## Autozinho do Natal

por Maria Paula de Azevêdo

EM 1.º PRÓLOGO, 2.º QUADROS

E 1.º EPILOGO

PERSONAGENS:

Prólogo (O Saloio)  
Jesus, A Virgem, 3.º João, (Personagens mudas)  
2 Arcanjos — 12 Anjos — Rei Melchior — Rei  
Gaspar — Rei Balthazar — 4 Pastores — Mu-  
lheres — Um Homem — Os Servos dos Reis

### PRÓLOGO

O SALOIO

Ora vivam meus Senhores!  
Deus lhes dê a saúdinha;  
(E também algum fulzo,  
Pois para ter boa vidinha  
O tino é muito preciso).  
Sabets vós porque me védes  
Vir aqui? Julgo que não  
Um saloio, de barrete  
De falcia e cinturão...  
Pois senhores: Venho em missão.  
Nesta casa temos hoje  
(Falta pela criançada)  
Uma função importante:  
E espero que vós, Senhores,  
Haveis de achá-la interessante

Como é certo que vós todos  
Uns ilustres sabichões  
Já ouvistes, com certeza,  
(Noutros tempos, aos serões)  
Certa História de Beleza!  
Essa História é nossa Vida!  
Nossa vida e nossa Luz!  
Olhai que não tem igual:  
É a História de Jesus!  
É a História do Natal!  
Ideis ver surgir no Céu,  
Cheio de brilho e fulgor,  
Aos pastorinhos falando,  
Um Anjo anunciando  
A vinda do Salvador!  
Santas palavras aquelas  
Vindas direitas do Céu!  
Há perto de dois mil anos  
Que, sem erros nem enganos,  
São Lucas as escreveu!  
Olhai e dai atenção:

Que também aqui vereis  
Com seus presentes chegar,  
Para o Menino adorar,  
Lá de longe, os três Reis!

Pois nenhum de vós ignora  
Que do Oriente além  
Por uma estrela guiados  
Vieram ter a Belém  
Os Reis Magos, constados.

Vinham Jesus adorar  
Todos três humildemente.  
Reis Melchior e Gaspar:  
E do negro continente  
Veio também Balthazar.

Mas agora vou-me embora  
E nada mais vos direi:  
Estou aqui a enfadô-los...  
Se eu falar melhor não sei  
Não será melhor deixá-los??

Meus Senhores, perdoai  
As minhas falas sem graça!  
Não sei melhor, por meu mal.  
.....  
É que muito bem lhes faça  
Este Auto de Natal!

### PRIMEIRO QUADRO

Os pastores estão no campo perto  
dos seus rebanhos. É noite.

1.º pastor — Não viste passar aquele  
par que não achou lugar na estalagem?

2.º pastor (apontando) — Dirigiram-  
se para além...

3.º pastor — Entraram na velha arri-  
bana.

1.º pastor — Vinham tão cansados,  
coitadinhos... Ele, encostado ao seu  
bordão...

2.º pastor — Pareceu-me que eram  
pai e filha; mas enganei-me, ouvi cha-  
mar-lhe: José!

3.º pastor — E chamou-a ele: Maria!

1.º pastor — Vinham decerto de Na-  
zareth.

2.º pastor — De tão longe, pobresi-  
nhos...

3.º pastor — Ao frio e à chuva a ca-  
minhar...

3.º pastor — Vêde como limpou a  
Céu (aponta as estrelas) e já reparaste  
que as estrelas hoje têm mais brilho?

2.º pastor (apontando) Vêde aquela,  
como brilha!

1.º pastor — Porque será?

3.º pastor — Não sei o que sinto no  
meu coração...

1.º pastor — É alegria? É tristeza?

3.º pastor — Parece que estou a es-  
perar de uma coisa grande, imensa...

2.º pastor — Também eu me sinto  
feliz, sem saber porquê... Mas que  
noite esta tão fria... (embrulha-se na  
manta).

1.º pastor — É noite de Dezembro:  
não há que admirar que seja fria...

(Doi e pouco, dá e mais noite, em lentas ba-  
daladas de sino. Os pastores deitaram-se ou  
acomodaram-se; mas depois das badaladas,  
surge o ARCANJO, iluminado, a arguem-se  
afiliados).

Pastores (gritando e recuando) —  
Senhor! Senhor!

O arcanjo (parando perto deles) —  
Não temais! Porque eis aqui vos ve-  
nho anunciar um grande gozo que o  
será para todo o povo — e é que hoje  
vos nasceu na cidade de David o Sal-  
vador que é o Cristo Senhor. E este  
é o sinal que vo-lo fará conhecer:  
Achareis um Menino envlto em panos  
psto em uma mangedoura! Glória  
a Deus nas alturas! E no terro, paz  
aos homens de boa vontade! (desa-  
parece o Anjo).

(Rompe, da arribana, o canto da  
Glória).

1.º pastor — Que vozes do Céu estou  
ouvindo!

2.º pastor — Só anjos assim podem  
cantar!

2.º pastor (chorando) — Tenho  
medo!

3.º pastor (radiante) — Já nem sinto  
o frio que me regelava.

(O câro continua mais forte: "Glória  
a Deus nas alturas", Surgem mulheres  
do povo).





# O LAR

**U**MA das mais lindas tradições cristãs e familiares é a ceia do Natal, depois da missa da meia noite.

Não a ceia, entre estranhos, num restaurante da moda, ao som do Jazz e com comidas caras e esquisitas, mas a ceia familiar na nossa mesa festivamente alindada.

Nas ceias mundanas poderá haver ruído e prazer, mas não é essa a doce, a divina alegria do Natal.

A alegria da noite do Natal só a gosam verdadeiramente aqueles que, depois de terem ajoelhado juntos à mesma mesa da comunhão, se reúnem na intimidade do seu lar com a alma cheia da «grande alegria» anunciada pelos Pastores: nasceu Jesus!

Procuremos conservar a tradição da ceia do Natal e, se na nossa família ela se perdeu, procuremos ressuscitá-la.

Preparemos, pelas nossas próprias mãos, os «pratos» tradicionais ou preferidos pelos nossos. Enfeitemos a mesa com o que tivermos de melhor. Que não saltem luzes e flores sobre a toalha de resplandecente alvura.

Pensemos em todos, tenhamos um mimo para todos. Só de nós nos havemos de esquecer, se isso fôr preciso para que os pobrezinhos tenham também o seu quinhão de alegria.

Antigamente, até os animais tinham a sua ceia do Natal—tão transbordante de bondade é a alegria cristã.

No regresso da missa da meia noite punha-se uma ração dobrada na mangedoura e atiravam-se fora mãos cheias de trigo para os passarinhos comerem no dia do Natal.

Ainda hoje, na Suécia, se colocam sobre os telhados ramos de espigas que as avesinhas veem comer em alegre chilreada.

Bem dita caridade que envolve em ternura todos os seres, numa gratidão infinita pelo amor com que Deus nos amou, dando-nos o seu Filho.

M. J.

## RECEITAS DE COSINHA


### FILHÓS DE FÔRMA

12 ovos; sumo duma laranja; meio decilitro de água; a farinha necessária para fazer um polpe grosso com a água e o sumo da laranja. Depois juntam-se-lhe os ovos inteiros, que já estavam batidos à parte. A massa assim preparada deixa-se descansar um bocadinho. Põe-se ao lume uma vasilha alta com bastante azeite. Quando o azeite está a ferver mergulha-se nele a fôrma com cabo, própria para filhós. Esta fôrma, assim azeitada, mete-se na massa (sem cobrir de todo a fôrma) e mergulha-se novamente no azeite. Sacudindo a fôrma, a massa solta-se dela, formando uma espêcie de flor, que se deixa alourar. Depois de fritas cobrem-se com calda de açúcar.

### BOLINHOS DE ABÓBORA (Minho)

Descasca-se uma abóbora menina (de tamanho regular) e põe-se a coser partida aos bocados. Quando cosida tira-se e põe-se a escorrer. Arranja-se um paninho fino, põe-se a abóbora dentro e espreme-se, mas de forma a que não fique muito seca. Uma vez espremida, põe-se num alguidar, junta-se umas 3 colheres rasas de açúcar, 2 bem cheias de farinha de trigo, 3 ovos inteiros, e bate-se tudo muito bem; tem-se ao lume uma frigideira com azeite a ferver, vai-se deitando dentro colheres desta massa, dá-se-lhes a forma duns croquetes, deixam-se alourar e tiram-se para escorrer. Ao pôr na travessa polvilham-se com açúcar e canela. Servem-se quentes e são muito bons.





# IS QUE ANUNCIO UMA GRANDE ALEGRIA

**Q**UE alegria não sentimos quando, pequenitas ainda, nos disseram que tínhamos um irmãozito ou uma irmã pequenina!... Para ali deixámos bonecas e brinquedos e, a correr, fomos ver, contemplar, aquele pequenino sér tão lindo, aquela boneca viva, que a nossa mãe nos dava para brincar!...

Que alegria não sentimos quando, já crescidas, depois de ter ajudado (e com que amor!) a fazer o enxoval, a nossa mãe nos chama, e num sorriso todo feito de confiança—apêlo mudo ao nosso carinho e cuidados de irmã mais velha—nos mostra o berço de novo cheio...

Pois bem, raparigas da Mocidade, ésses mesmos sentimentos devem ser os nossos, ao ajoelhar na noite de Natal, junto ao Presépio.

E olhai que isto não é exagêro nem comparação descabida. Aquele Menino que ali está e cujo nascimento «no ano 752 de Roma, 42.º do reino de Augusto» os anjos anunciaram aos pastores, nasceu para nós, é nosso, tão nosso, mais nosso até que os nossos irmãozitos... e quer em nós, por nós, através de nós, continuar actualmente a viver e crescer. É Deus, mas é Menino... é onnipotente, Senhor de tudo e de todos, mas confia-se à nossa guarda... Podemos para com Êle—que pela graça vive ou quer viver em nós e nos que nos rodetam—ter cuidados e carinhos de irmão... mas podemos também—e como isto é tristemente sério!—ser para Êle outro Herodes!...

Como podemos uma e outra coisa ser?!...

Que cada uma de nós a si mesma responda.

M. S. M.





# Colaboração das Filiais

## Conversar

É para ti, rapariga da Mocidade Portuguesa, que eu escrevo estas linhas. Para ti, que entras agora nas tuas férias do Natal.

Repicam os sinos de alegria e com eles vibram os nossos corações juvenis. Nasceu o Salvador, o desejado das nações. Aquele que os homens não querem ouvir mas que é o tudo da tua vida, vida que queres fazer nobre e elevada. . .

São também as tuas primeiras férias. Há quantos dias não vês os teus! Com que ansiedade desejas abraçar teus Pais, teus irmãos. . . O «rápido» parece-te vagaroso como nunca e a paisagem maravilhosa que os teus olhos não se cansam de ver com deslumbramento, não consegue prender-te a atenção.

Mais rápido vò o teu pensamento fazendo o balanço do teu primeiro período.

As tuas notas foram boas? O teu esforço foi recompensado? Não te orgulhes de tal. Antes agradece a Deus que se dignou galardoar os teus esforços. . .

As tuas notas foram más? Não conseguiste vencer a preguiça? Ela, sus! Voltarás com mais ardor, com mais entusiasmo, plena de confiança, certa que vencerás com a ajuda d'Aquele que, por ti, fez da Sua vida um sublime poema de amor. . .

As tuas notas foram injustamente menos boas? Nada de desfalecimentos. Tu saberás provar que se enganaram a teu respeito e quando o não consigas confia Nêle que tão bem te sabe compreender e tão bem te sabe avaliar. . . Talvez tu, ignorada e humilde entre as tuas

colegas, sejas aquela que o Seu coração cumula de graças. Talvez a Seus olhos divinos tu sejas a maior entre as mais sábias. Estudaste, tens a consciência do teu dever cumprido; e no meio de tanto trabalho não esqueceste o teu Jesus, não esqueceste a tua Pátria. Quem sabe se até pertences à J. E. C. F.? Quem sabe quantas almas receberam um pouco do fogo do apóstolo que arde em teu peito?

Quantas vivem agora na luz da verdade?

Tu, sim. Tu és a verdadeira filiada da Mocidade. Não te filiaste pelo brilho duma farda ou pela glória duma condecoração. O teu ideal é «servir» e tu soubeste realizá-lo.

Podes descansar as tuas férias. Goza em paz e alegria do teu dever satisfeito. E depois volta, se é possível, ainda com mais ânimo, com mais vontade, com mais amor por Deus e pela Pátria em cujo altar tu sacrificas toda a exuberância da tua vida em flor.

Volta, que nós precisamos de ti, do teu conselho amigo, da tua ajuda caridosa. . .

Volta, e traz na tua alma gravada a imagem dum Menino-Deus que se fez pequenino para que fosses grande, que foi manso e humilde de coração para que d'Ele aprendesses. . .

Volta, que a Pátria precisa do teu valor; vem connosco cerrar fileiras em volta da bandeira verde-rubra, símbolo dum Portugal grande e eterno!

\*UMA DE VÓS.



## Natal! Natal!

Nenhuma outra data está mais radicada nos hábitos dos povos da terra do que a do Natal — quando se comemora o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Para todos nós o Natal é o tempo dos sonhos, dos desejos realizados, do recebimento dos presentes que o Menino Jesus traz, todos os anos, para esconder nos sapatinhos da esperança que ficam a dormir nas chaminés na noite da encantadora missa do galo.

Natal! data das esperanças alcançadas, da realidade bonita de todos os desejos infantis, anteriormente expressos em preces mudas, em bilhetes mal escritos endereçados ao Menino Jesus, o dono de tantas surpresas e alegrias.

Natal! data da Cristandade, da família, data que lembra a mais suave e famosa lição de humildade — o nascimento do Rei de todos os reis — o Menino Jesus — na pobre mangedoura da aldeia de Belém (Belém) na Judéa.

Noite de Natal, noite de paz, amor e alegria; noite divina em que todos os corações, desde o mais bondoso até ao mais crú, são dominados por uma força oculta! . . .

Todos têm a sua noite de Natal, quer seja passada ao relento, num cárcere, no degredo, num hospital ou rodeados de conforto e felicidade.

Mas enquanto uns riem e cantam, outros choram. . .

No céu há milhares de estrelas que cintilam com mais intensidade parecendo que todo o firmamento é iluminado por sua suave claridade; na terra milhares de almas festejam jubilosamente, ante uma mesa abundante em variados manjares, o Nascimento do Messias Redentor, e outros tantos milhões levantam os seus olhos a implorar-Lhe misericórdia. . .

Crepitam as chamas nas rústicas lareiras e em todas as casas desde os palácios às mais humildes choupanas, fritando as saborosas filhós, nesta noite de encantos.

Nas igrejas soltam-se sons cristalinos que se espalham pelo ar gelado acordando tudo com os seus acordes, e repercutindo-se pelas serras brancas a tiritar de frio a convidar os fiéis para a missa do galo. . .

Na Igreja apinha-se o povo para admirar o presépio onde o Menino se reclina num docel de feno, bafejado pela vaquinha e pelo jumento, adorado pelos pastorinhos de barro grosseiro, entre o anjo da Virgem e o olhar bondoso de S. José.

MARIA CANDIDA HENRIQUES LOPES DOS SANTOS

Filiada n.º 10.614 — Coimbra





## Como uma Lusa festejou o Natal

Lusa fôra passar as férias à aldeia com a sua Avó, e, nãsse dia, saíra carregada de embrulhos: — eram bôlos e outras guloseimas, com que ela, suas primas e amigas, completariam a bela festa que estava planeada para essa tarde de Natal.

Estava frio, muito frio mesmo... Se não fôsse aquele solzinho e o seu belo casaco... Lusa leva sobre êle um emblema que o sol de inverno faz brilhar de certa maneira...

A atenção de Lusa é atraída para um rapazinho louro, de olhos azuis, que vem na estrada em sentido contrário. É pequenino, lindo e esfarrapado, mas o seu olhar é doce, duma doçura infinita.

— "Êh! pequenino onde vais? Tão pequenino! Tens as mãos rãs, o narizito vermelho e quasi bates os dentes com frio!"

— "Vou chama-le aldém te venha vê-le a mãe, te está doente. A mãe tem dói, dói. O lume está apadado. Eu temo tom frio".

Lusa comoveu-se e quasi chora.

— "Anda, vamos lá ver a tua mãe, lindo menino."

A casa está varrida; o lume já crepita na fogueira. Junto à cama da doente improvisou-se uma mesa. Sobre ela as gulodices que Lusa transportava.

Mais tarde, as companheiras que esperaram horas e horas, foram encontrar num casebre um quadro lindo:

— Sentada no leito, uma pobre doente, de sorriso triste; na mesa improvisada os restos da refeição; sentada numa cadeira, entre o lume e a doente, uma Lusa que aconchega ao peito um pequenito louro, quasi adormecido e envolto no seu casaco. Sobre este, um emblema que brilha como pequenina estrela de estranho fulgor...

Jesus no céu devia sorrir ante aquela maneira de festejar o Natal.

TULIPA NEGRA

### Natal

*Correi ao Templo do divino Mestre  
Correi oh! povo a lhe cantar louvores  
Correi e vede-o num lugar campestre  
Recém-nascido nos trazendo amores.*

*Vede a Lapinha de animais cercada  
Vede a pobreza tôda engalanada  
Cantos ditinos que p'lo ar clangoram!*

Estremadura, Ala 2 Centro 64  
Filiada n.º 11.006

*Alcattifado só de flôr silvestre  
Jaz no seu leito mimorando as dôres  
Sem ter orgulho nem patêdo terrestre  
Correi, oh! povo a lhe cantar louvores.*

*Tudo ao resto de alegria santa  
E os Anjos brandam numa voz que encanta  
Nascem o Deus de todos os que choram.*

GERMANA FERREIRA SOARES  
Vanguardista

### Impressões do Natal

Natal! Palavra mágica que alvoroça o coração de tôdas nós! Festa santa da família, festa do lar!

Com que alegria vamos chegar esta quadra do ano tão ansiosamente esperada, não tanto pela perspectiva de quinze dias de férias, de repouso, como pela alegria de nos virmos reunidas à nossa família, de podermos festejar o nascimento do Deus Menino, no aconchego de um lar.

Noite de 24 de Dezembro! A noite em que o Menino Jesus vem deixar um mimo aos nossos irmãozitos mais novos. E qual de nós, reparigas a tocar os vinte anos, não tem também o infantil desejo de receber por este meio enternecedor os presentes dos nossos pais? Dadas as onze horas, lá vamos, pé ante-pé, pôr o nosso sapatinho no fogão da sala e, de manhã, ao acordarmos, aí vamos encontrar uma palavra amiga, como só o coração dos pais sabe ditar, junta a qualquer objecto ardentemente desejado, há muito tempo, por nós. Nas reparigas da nossa idade há sempre um misto de seriedade e... de ciancice. É talvez por isso, por haver em nós a terna recordação da lenda do sapatinho, desde a infância, que não resistimos à louca tentação de nos fazermos criança [embora criança sejamos ainda] por um curto momento que nos trará horas de alegria sincera.

Natal! Natal! Feliz dia, feliz noite passada com os nossos, rodeados de carinhos, de milmos, de alegria, dos nossos avós, dos nossos pais, numa quinta distante.

A neve cai espalhando por tôda a parte o seu alvo manto. A serra tôda está coberta. Já não se distingue uma árvore, tudo é branco, duma brancura imaculada que nos gela mas encanta.

Eu gosto da neve! Fria, muito fria, a neve tem algo de belo, de grande que nos impressiona e domina. Tudo branco, tudo frio; até ao longe, ao cume da serra mais distante, não há mais do que um imenso lençol branco. Fria mas bela, eu gosto da neve. Talvez por ser triste, porque a neve é triste! Há na sua pureza, na sua algeidez, alguma coisa de doloroso e belo. Eu comparo a brancura

da neve à alma inocente de um irmãozito mais novo que perdemos quando desabrochava para a vida; comparo-a, também, ao véu da noiva.

E continua a cair sempre, sempre, sem interrupção. Mas nós, na alegria daquela noite, bem quantas na sala aconchegada, não sentimos a sua algeidez. Todavia há quem a sinta e sôfra nesta noite santa. Enquanto muitos passam felizes esta quadra, há outros desgraçados, que não têm um naco de pão com que enganar a fome.

Natal! Natal! Trocam-se brindes, dança-se, canta-se, há alegria, felicidade, doces, guloseimas, carinhos, tudo! E lá fôra, no rigôr indemente do tempo, uma mãe coberia de farrapos sorri para o filhito que tem nos braços, por entre lágrimas, querendo também dar-lhe uma alegria naquela noite bendita. Pobre mãe! Alma heróica de mulher que, no meio de sua dôr, que talvez só quem a sente a pode conceber, sorri para o seu filho na esperança de lhe fazer esquecer a fome que o devora. E o miúdo, embalado pelo doce canto de mãe, animado pelas suas carícias, não julgará vêr nela a Virgem Santa, na noite de Natal?

Dlin-dlon, dlin-dlon, — repicam os sinos do campanário da Igreja, chamando à Missa do Gelo. Velhos, novos, crianças, eis que tudo parte para comemorar Irmãments, com uma fé pura e sincera, o nascimento do Menino Deus. Acabada a missa, os caminhos fôfos esperam-nos, parecem-nos mais macios e, enquanto os nossos olhos se vão fechando lentamente, vencidos pelo cansaço, a nossa mãzinha querida vem de mansinho ao nosso quarto depôr um beijo terno na nossa fronte. Sob a sensação daquela carícia, dormimos melhor, mais felizes ainda.

Natal! Festa de todos os lares! Noite santa, de felicidade para uns, mas de dôr, de infelicidade para muitos! Conjunto de amargura e de alegria, mas que nos deixará sempre, todos os anos, as mais gretas recordações, nas nossas almas simples de reparigas.

MARIA DO CÉU PIMENTEL SANTOS  
Filiada n.º 3359 — Centro n.º 1 — Ala 1 — Província Douro Litoral [Pátria]

**Nota da Redacção:** Por falta de espaço, não pôde ser publicada neste número toda a colaboração das Filiadas. Fica para o mês de Janeiro, que ainda está dentro do tempo litúrgico do Natal.